

A linguística geral de Émile Benveniste: uma análise das seções “Transformações da linguística” dos *Problemas de Linguística Geral I e II*

The General Linguistics of Émile Benveniste: an Analysis of the Sections “Changes in Linguistics” from Problems in General Linguistics I and II

Paula Ávila Nunes

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR) | Curitiba | PR | BR
paulanunes@professores.utfpr.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-9696-0625>

Resumo: O artigo pretende explorar a hipótese de que Émile Benveniste, apesar de ser conhecido como “pai da enunciação” pode ser considerado, na verdade, como um linguista geral. Nessa perspectiva, a enunciação seria uma via de acesso a uma proposta de linguística geral que aparece de forma programática ao longo de sua obra. Este texto analisa, para tanto, as seções *Transformações da linguística*, presentes em ambos os volumes de *Problemas de Linguística Geral*, investigando de que forma o linguista sírio se posiciona em relação a seus antecessores e a seus contemporâneos quando o assunto é o modo como os estudos linguísticos se desenvolviam anteriormente ou eram desenvolvidos até o momento de sua escrita. Investiga-se também qual o conceito de generalidade presente na linguística benvenistiana, com base em Colombat, Fournier e Puech (2017) e em que sentido ela se distancia de outras abordagens no campo dos estudos da linguagem por articular o *factum grammaticae* com o *factum loquendi*, nos termos de Milner (2021).

Palavras-chave: linguística geral; enunciação; Benveniste.

Abstract: The article aims to explore the hypothesis that Émile Benveniste, despite being known as the “father of enunciative studies”, can be considered a general linguist. From this perspective, enunciation would serve as a means of access to a proposal of general linguistics that programmatically appears throughout his work.



This text analyzes the sections *Changes in Linguistics*, present in both volumes of *Problems in General Linguistics*, examining how the syrian linguist positions himself in relation to his predecessors and contemporaries regarding the development of linguistic studies both in the past and up to the time of his writing. It also investigates the concept of generality in Benveniste's linguistics, based on Colombat, Fournier, and Puech (2017), and how it diverges from other approaches in the field of language studies by articulating the *factum gramaticae* with the *factum loquendi*, in Milner's (2021) terms.

Keywords: general linguistics; enunciative studies; Benveniste.

1 Introdução

Émile Benveniste é um linguista à parte. Seus trabalhos no campo da linguística geral mudaram algo no cenário das ciências humanas, mas como ele visava a uma antropologia – histórica – da linguagem, ou seja, uma teoria de conjunto, ele teve que se envolver com o que, *a priori*, não lhe dizia respeito: arte, filosofia, sociologia, etnologia, psicanálise, literatura. (...) No entanto, seu método de trabalho, combinando o senso de rigor intelectual e o gosto pelo risco teórico, permanece um modelo.

(Gérard Dessons)

Aqueles que se aproximam pela primeira vez da produção teórica de Benveniste possivelmente ouvem, em algum momento, uma remissão a esse teórico como o “pai da enunciação”. De fato, é inquestionável que o linguista sírio seja referência incontornável para todos os que se debruçam sobre os estudos das mais diversas teorias que compõem o campo enunciativo. No entanto, essa aparente asserção insuspeita não deveria passar despercebida, uma vez que parece encerrar um contrassenso: as teorizações de Benveniste não só *não* se resumem ao campo enunciativo como também apresentam pouca homogeneidade entre si. É o que atesta Flores (2022a) ao frisar que “(...) a obra de Benveniste transborda compartimentos disciplinares, seja em função de sua diversidade temática, seja em função dos diferentes usos que são feitos de suas especializadas pesquisas” (p. 154), o que gera não apenas leituras díspares entre si como também promove “alguma resistência ao estabelecimento de uma condensada visão geral” (p. 154) de seus escritos.

Também faz parte desse contrassenso na recepção e na leitura de Benveniste o fato de que o próprio linguista, ao reunir uma seleção de escritos que julgava mais relevantes ao

público, opta por intitular o volume¹ de *Problemas de Linguística Geral*, sem nenhuma alusão ao termo que lhe consagrou, a enunciação. Ilustra essa visão – de que Benveniste é mais um linguista da enunciação do que um linguista geral – a percepção de Flores e Othero (2023b), que, ao recuperarem a classificação tripartite que Normand (2000) propõe para os linguistas gerais, não citam o nome de Benveniste como um linguista representativo do “geral”, ainda que façam referência a ele mais adiante ao abordarem as grandes linhas de investigação dessa área, ainda que o atrelando ao nome de Saussure, o precursor do campo que, como sabemos, foi continuado, mas também ultrapassado por Benveniste.²

Salta aos olhos, pois, que, embora Benveniste seja, mesmo que de forma tangencial, referenciado como um *linguista geral*, essa não costuma ser a visão mais difundida sobre sua contribuição à linguística. Além disso, como bem critica Flores (2022b), a consideração de Benveniste como um teórico restrito ao campo da enunciação, “pai fundador” de tal perspectiva teórica, normalmente é tomada de forma tão acrítica que, se nos perguntarmos “sobre o alcance epistemológico que a enunciação tem no escopo da linguística, vemos que quase inexistem trabalhos que a apresentam em uma dimensão propriamente epistêmica” (p. 12).

É nessa conjuntura, portanto, que este trabalho se desenvolve, tentando justamente explicitar em que medida as elucubrações de Benveniste acerca da enunciação compõem, na verdade, uma via de acesso à sua linguística geral. Dizemos “a sua” porque, como se tentará defender aqui, se existe um programa de linguística geral em Benveniste, ele certamente é diferente daquilo que é comumente entendido por “linguística geral” no campo dos estudos da linguagem,³ a começar pela ideia de que se trata não de uma teoria finalizada, mas de um programa. Tal noção é mobilizada aqui em sentido análogo ao que se tem em “programa gerativista”, por exemplo. Trata-se de um conjunto de teorias com objeto e objetivo definidos, mas cujos quadros teóricos vão se modificando ao longo do tempo em virtude dos próprios desdobramentos do estudo. Ao afirmar que Benveniste tem um programa de linguística geral, portanto, tenciona-se enfatizar que seu objetivo último era esse, a linguística geral, tendo desenvolvido, para tanto, uma série de teorizações que se apresentam de forma bastante heterogênea entre si, embora possa haver uma espécie de mínimo denominador comum entre elas.

Dessa forma, à questão de Flores (2022a), de se “há algum elemento unificador que permita reunir essa aparente dispersão de temas e que tenha sido desconsiderado pelos leitores de Benveniste” (p. 152), respondemos, com as próprias palavras de Benveniste, que, sim: há “o grande problema da linguagem”. Mas a linguagem, como sabemos desde Saussure, é refratária a uma linguística que se quer científica, se considerarmos um ideal específico de ciência: o naturalista.

É necessário, assim, retrazar o caminho seguido por Benveniste na busca da constituição de sua própria linguística, que tomava tanto as línguas quanto a linguagem como objeto. Registre-se, de início, porém, no que concerne a esse ponto, que Benveniste parece ter revisto seu posicionamento a respeito do objeto da linguística ao longo de seus estudos. Por

¹ Embora a obra tenha sido publicada em dois tomos, sabe-se, pelos prefácios de ambos, que Benveniste atuou na seleção e na organização apenas do primeiro, tendo o segundo sido organizado por Moïnfar e seguido a divisão nas mesmas seções que o sírio havia proposto para o primeiro.

² Sobre isso, ver, por exemplo Flores (2017); Flores; Nunes (2007) e Nunes (2012).

³ Embora as expressões “linguística” e “estudos da linguagem” não costumem se recobrir conceitualmente, elas são empregadas, neste texto, sem qualquer distinção.

exemplo, em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, texto de 1963, ele afirma que “É das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas” (Benveniste, 1995, p. 20 – ênfase acrescida). No entanto, ainda nesse mesmo texto, na continuação do parágrafo, percebemos que o estudo das línguas ocupa o *primeiro lugar* da tarefa da linguística, mas resulta em outro: “Dentro da perspectiva em que nos aqui colocamos, veremos que essas vias diferentes [da linguagem, faculdade humana universal e imutável, e das línguas, sempre particulares e variáveis] se entrelaçam com frequência e finalmente se confundem, pois os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão a linguagem”. Chama a atenção, no entanto, que, cinco anos depois, em um texto de 1968, o linguista é mais taxativo: “A linguística é a tentativa de compreender este objeto evanescente: a linguagem” (Benveniste, 1989, p. 29). A isso, acrescenta, ainda na mesma página: “A linguística pretende englobar tudo isso [a gramática, a filologia e a fonética] e o transcender. Tudo que diz respeito à linguagem é objeto da linguística. (...) A linguística se ocupa do fenômeno que constitui a linguagem”.

Essa constatação de um pensamento em curso, somente possível quando olhamos para seus textos em diacronia, dá mostras da necessidade, enfatizada anteriormente, de se acompanhar o raciocínio do teórico ao longo de suas produções, marcando um percurso tanto de crítica à linguística que o precedia ou que lhe era contemporânea quanto de constituição de alternativas para os estudos no campo da linguagem a partir dos problemas e limitações encontrados. Essas alternativas, que ampliaram o escopo da linguística até mesmo para uma ciência que estuda, para além da língua, as propriedades do símbolo, como realizado em seu artigo *Semiologia da língua* (1969), mas já antecipado em *Tendências recentes em linguística geral* (1954),⁴ configuram uma abrangência explícita em seu objeto de pesquisa que, assim entendemos, permitem a defesa da ideia de que Benveniste desenvolve um programa de linguística geral, e não exclusivamente uma teoria (a da enunciação).

A linguística de Benveniste parece dar testemunho, por seus axiomas e sua metodologia de análise, daquilo que Milner (2021) observou e teorizou anos mais tarde, ainda que visando a um outro escopo teórico: pelo fato de a linguística ter como objeto uma coisa única (*res unica*), ela só pode ser uma ciência única. E ela o é, entre outras coisas, na medida em que nenhuma outra ciência precisa “mostrar como ela se faz ciência” (Flores; Othero, 2023b, p. 10) nem formalizar seu próprio objeto, como se faz necessário nos estudos da linguagem. Sendo esse um imperativo para todo e qualquer linguista, sobretudo para aquele que se propõe a teorizar sobre a linguística geral, é indispensável que entendamos como esse objeto e sua abordagem se formam na obra benvenistiana, interrogando-os, portanto, de forma epistêmica.

Dada a dimensão da tarefa, que certamente não poderia se esgotar em um artigo, um recorte se impõe: a investigação se centrará em observar como Benveniste aborda o tema da

⁴ No texto de 1954, lê-se: “Vê-se, em todo caso, como será necessária, para o conjunto das ciências que operam com formas simbólicas, uma investigação das propriedades do símbolo. As pesquisas iniciadas por Peirce não foram retomadas e é uma pena. É do progresso na análise dos símbolos que se poderia esperar principalmente uma compreensão melhor dos complexos processos da significação na língua e provavelmente também fora da língua” (Benveniste, 1995, p. 13). A passagem em questão parece resumir com precisão o empreendimento levado a cabo pelo autor no texto de 1969, que, não por acaso, começa com uma remissão a Peirce. Nele, Benveniste mostra a especificidade da língua em relação a outros sistemas semiológicos, destacando que tal diferença reside precisamente nos “complexos processos de significação da língua”, nomeados por ele de universos semiótico e semântico de significância.

linguística geral nas seções intituladas *Transformações da linguística*, presentes, sob o mesmo título, em cada um dos tomos de seu *Problemas*, por considerarmos que os artigos que compõem essa seção respondem mais diretamente do que outros à questão em pauta. Interessa-nos observar, assim, o posicionamento de Benveniste frente aos linguistas que o precederam, o que é feito na primeira parte deste texto, mas também em relação a seus contemporâneos, temática abordada na seção imediatamente subsequente.

Em um segundo momento, na sequência do que expomos aqui, centramo-nos na investigação da hipótese de que a enunciação é a via de entrada de Benveniste na linguística geral, o que ele faz ao custo de redimensionar o que se entende por “geral” nesse caso: não mais uma *linguística* geral, mas uma *ciência* geral do homem, uma antropologia da enunciação.

2 Benveniste e seus antecessores

A relação de Benveniste com Saussure não é apenas conhecida, mas já foi amplamente teorizada em artigos e livros. Trata-se de uma relação que certamente tem como um de seus pivôs Antoine Meillet, discípulo do genebrino e mestre do sírio, e seus estudos de linguística comparada, mas que vai muito além dessa relação de mestria. Benveniste parece ter cumprido com bastante êxito o programa apenas esboçado no *Curso de Linguística Geral* de desenvolvimento da linguística como parte de uma semiologia geral, a qual, por sua vez, integraria uma psicologia geral. Interessa-nos aqui, no entanto, um elemento específico dessa relação, qual seja, a forma como Benveniste discorre sobre as ideias de seus antecessores (sobretudo Saussure) e as integra em suas reflexões sobre a língua(gem).

Em um texto de 1954, publicado no primeiro tomo de sua recolha de artigos sob o título de *Tendências recentes em linguística geral*, Benveniste cita Saussure (na Europa) e Bloomfield (nos Estados Unidos) como dois expoentes da linguística moderna naquele momento. Ainda que procedendo cada uma à sua maneira, Benveniste reconhece em ambos uma orientação parecida no intuito de 1) delimitar qual a tarefa do linguista e “o que descreverá sob o nome de língua” (Benveniste, 1995, p. 8), pondo em questão o objeto de sua pesquisa; 2) forjar os instrumentos por meio dos quais esse objeto será analisado, permitindo uma descrição idêntica de tudo aquilo que vier a ser analisado sob o rótulo de “língua”, ou seja, um questionamento sobre a técnica de investigação e descrição adotada pela linguística; e 3) investigar o problema da significação, isto é, a capacidade que as línguas têm de “dizer alguma coisa”.

Sobre essas três tarefas, Benveniste assevera: “O simples enunciado dessas questões mostra que o linguista quer desprender-se dos apoios ou das amarras que encontrava em quadros pré-fabricados ou em disciplinas vizinhas” (p. 8). A observação é importante em função daquilo que o autor parece querer delinear: a linguística (geral), que ele refere nas figuras de Saussure e de Bloomfield como seus representantes, começa a se afastar de outras disciplinas vizinhas, que a engessavam. Quais seriam essas disciplinas? Embora o referido texto não as mencione diretamente, o percurso de retomada histórica traçado pelo autor em texto posterior, de 1968, publicado no segundo tomo de seu *Problemas* sob o título de *Estruturalismo e linguística*, permite-nos inferir que se tratava 1) da filosofia, primeira investigação (ainda que especulativa) sobre a linguagem, e 2) da filologia, cujos estudos comparatistas tiveram grande relevância até o início do século 20, levados adiante inclusive por nomes como Saussure, Meillet e o próprio Benveniste.

Desprender-se das amarras dessas disciplinas significava, portanto, em nossa leitura, estabelecer um novo objeto para a linguística e um novo conjunto de princípios a partir dos quais esse objeto poderia ser estudado. A leitura dos textos citados, nos quais o sírio aborda – como sugere o título mesmo da seção – as tendências nos estudos da linguagem, permite-nos atestar que o primado do estruturalismo (e do distribucionalismo na América do Norte) instituiu uma visada imanentista e sistêmica da língua, como depreendemos da passagem a seguir:

(...) através de muitos debates teóricos e sob a inspiração do *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure (1916), determina-se uma nova noção da língua. Os linguistas tomam consciência da tarefa que lhes cabe: estudar e descrever por meio de uma técnica adequada a realidade linguística atual, não misturar nenhum pressuposto teórico ou histórico na descrição, que deverá ser sincrônica, e analisar a língua nos seus elementos formais próprios. A linguística entra então na sua terceira fase, a de hoje [da época em que Benveniste escreve]. Toma por objeto não a filosofia da linguagem nem a evolução das formas linguísticas, mas, em primeiro lugar, a realidade intrínseca da língua, e visa a se constituir como ciência – formal, rigorosa, sistemática (Benveniste, 1995, p. 21-22)

Esse formalismo, dotado de rigor e sistematicidade, tem em seu horizonte o interrogante saussuriano “sobre o valor da língua, e sobre o que distingue a língua de qualquer outro objeto da ciência” (Benveniste, 1989, p. 15), uma questão que se coloca a serviço da constituição do campo como uma ciência específica: não mais como uma *ciência natural*,⁵ que poderia ser descrita como um organismo vivo, mas como uma *instituição social* – conforme o entendimento saussuriano⁶ –, o que muda tudo.

Contudo, se observamos aí uma espécie de continuidade que Benveniste desenvolve a partir de trabalhos de linguistas precedentes, preocupados com as condições gerais desse objeto específico de sua ciência e com formas de abordá-lo, também é notória a insatisfação do linguista com o formalismo requerido por esse projeto científico. Em *Essa linguagem que faz a histórica*, também de 1968, Benveniste é explícito em sua crítica: “Estritamente falando, o estruturalismo é um sistema formal. Ele não diz absolutamente nada sobre o que denominamos a significação” (Benveniste, 1989, p. 34). Essa não era a primeira vez que Benveniste se manifestava descontente com a falta de consideração do campo pela questão do sentido. Na abertura de seu célebre *A forma e o sentido na linguagem*, de 1966, o linguista, dirigindo-se a filósofos, dispara: tendo cometido a imprudência de, leigo em filosofia, aceitar o convite para

⁵ Embora possamos adotar a ideia de “ciência natural”, em consonância com Colombat, Fournier e Puech (2017), é necessário registrar que Benveniste se refere à linguística praticada nos séculos 19 e 20 como uma “ciência histórica”, ainda que adote a mesma perspectiva genealógica contida na ideia de “ciência natural”: “(...) é preciso ver que, até os primeiros decênios do nosso século, a linguística consistia essencialmente numa genética das línguas. Fixava-se, para tentar estudar a *evolução* das formas linguísticas. Propunha-se como ciência histórica, e o seu objeto era, em toda parte e sempre, uma fase da história das línguas” (Benveniste, 1995, p. 21 – *italico no original; sublinha acrescida*).

⁶ Explicam Colombat, Fournier e Puech (2017) que “(...) uma língua é para Saussure uma instituição (e não uma espécie natural) porque ela se apresenta à observação ‘toda formada’, ‘sempre já’ instituída, sem que o momento inaugural da sua instituição possa jamais aparecer em sua unicidade e radicalidade primeira suposta” (p. 231). Registre-se, em contrapartida, que essa não é uma posição unânime dentro do campo linguístico. A perspectiva gerativista, por exemplo, “entende a linguagem como uma capacidade biológica exclusiva da espécie humana e que aproxima, por isso, a linguística do quadro das ciências ditas ‘naturais’” (Othero, 2023, p. 122)

o debate, aumentou-a escolhendo “um tema cujo enunciado parece convir mais a um filósofo do que a um linguista: a forma e o sentido na linguagem” (p. 220).

Do lugar de fiel seguidor dos princípios saussurianos, Benveniste também não deixa de expor suas ressalvas em relação à linguística que o precedia, com destaque para a desconsideração de um aspecto que seria capital no desenvolvimento de sua teoria: o fato de que não é apenas a faceta *formal* da língua que deve interessar a um linguista, mas também o “problema” de que ela *significa*. Essa será, como veremos a seguir, também a crítica dirigida a seus contemporâneos.

3 Benveniste e seus contemporâneos

Em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, texto de 1963, publicado no primeiro volume do *Problemas*, Benveniste dá prosseguimento àquilo que já se empenhou em fazer no texto de abertura desse tomo, publicado nove anos antes. Contudo, o enfoque de cada artigo é bastante diferente. No texto de 1954 (*Tendências recentes em linguística geral*), Benveniste trata de evidenciar de que forma a linguística foi tomando corpo como campo teórico e disciplinar diferente dos estudos sobre a linguagem até então. Pode-se dizer que o esforço era situar em que medida a linguística se separou de uma abordagem especulativa, própria da filosofia, e como veio a romper com a linguística histórica e comparada como método único e necessário de abordagem das línguas. Não é fortuita, portanto, sua remissão, nesse texto, aos teóricos que hoje temos como basilares ao campo: Saussure, Bloomfield, Jakobson, Trubetzkoy, para citar os mais conhecidos. A referência a esses autores, sendo os dois últimos contemporâneos de Benveniste, tem por intuito assinalar duas grandes viradas no campo. Primeiramente, aquela relacionada ao objeto, considerado não mais em seu aspecto histórico ou filogenético, mas como uma instituição social:

Não se cede mais tão facilmente como antes à tentação de erigir como propriedades universais da linguagem as particularidades de uma língua ou de um tipo linguístico. Alargou-se o horizonte dos linguistas. Todos os tipos de línguas adquirem direitos iguais de representar a linguagem. (Benveniste, 1995, p. 6)

Em segundo lugar, aquela relacionada ao método de abordagem desse objeto, agora não mais tomado de empréstimo de disciplinas vizinhas, mas elaborado especificamente para esse objeto único que pretende dar conta:

[O simples enunciado dessas interrogações sobre o método] afasta toda visão *a priori* da língua para construir as suas noções diretamente sobre o objeto. Essa atitude deve pôr termo à dependência, consciente ou não, em que se encontrava a linguística face à história, de um lado, e a uma certa psicologia, do outro. Se a ciência da linguagem deve escolher os seus modelos, será nas disciplinas matemáticas ou dedutivas que racionalizam completamente o seu objeto, reconduzindo-o a um conjunto de propriedades objetivas munidas de definições constantes. Isso quer dizer que se tornará cada vez mais “formal”, pelo menos no sentido de que a linguagem consistirá na totalidade das suas “formas” observáveis. (Benveniste, 1995, p. 8)

Embora a perspectiva formal, sobretudo em sua remissão às “formas observáveis”, seja provavelmente um efeito do corolário saussuriano de que a língua é *forma* e não *substância*, observa-se o efeito radical que essa concepção tem sobre a linguística, em especial pela remissão às disciplinas matemáticas e dedutivas. Benveniste parecia haver entendido, como antecipado, a *scientia infima et unica* com que lidava – nos termos em que Milner (2021) irá abordá-la posteriormente – ciência de *res unica* e, justamente por isso, que impõe que seu objeto seja sempre forjado, em consonância com outro corolário saussuriano: o ponto de vista cria o objeto. A formalização de um objeto, portanto, é o próprio fazer da linguística, algo que Benveniste bem percebe já na década de 60. A questão é que, como advertem Flores e Othero (2023b), “a formalização do objeto – o que poderíamos chamar, na esteira de Culioli (2000), de *a passagem do empírico ao formal* – não se dá nem da mesma maneira para todos os linguistas nem sobre os mesmos dados ‘brutos’” (p. 14 – grifos no original).

Eis o ponto de interesse desta seção: Benveniste reconhece os avanços no campo da linguística, celebra-os com algum entusiasmo e identifica, nos diferentes teóricos contemporâneos a si mesmo, certas recorrências no trato com esse objeto específico chamado linguagem: “A abordagem descritiva, a consciência do sistema, a preocupação de levar a análise até as unidades elementares, a escolha explícita dos procedimentos são outros tantos traços que caracterizam os trabalhos linguísticos modernos” (Benveniste, 1995, p. 25). No entanto, não deixa de anotar, no mesmo texto, uma ressalva que terá, como veremos mais adiante aqui, importância fundamental em seu trabalho: “Não é apenas a *forma* linguística que depende dessa análise; convém considerar paralelamente a *função* da linguagem” (Benveniste, 1995, p. 25 – grifos no original), aspecto a que voltaremos adiante.

Nessa conjuntura dos anos 60, em que a linguística acompanhava mudanças teóricas importantes também em outros campos, emerge uma nova perspectiva que mudará para sempre o campo, a qual Benveniste não desconsidera: o gerativismo. A publicação, em 1957, de *Estruturas sintáticas*, em que Chomsky se posiciona de forma radicalmente diferente ao distribucionalismo de Harris e de Bloomfield, promove uma revolução na área, seguida pela publicação de *Aspects of the theory of syntax* (em 1965), *Topics in the theory of generative grammar* (1966) e, é claro, *Cartesian linguistics* (também de 1966). Essa mudança radical que se iniciava nos anos 60 no campo dos estudos da linguagem não passou despercebida, decerto, por Benveniste.

Em entrevista a Pierre Daix, em 1968, transcrita sob o título de *Estruturalismo e linguística*, texto de abertura do segundo tomo do *Problemas*, Benveniste explicita de que modo entende a inovação que o trabalho, à época ainda incipiente, mas de grande potência, de Chomsky imprime à linguística: “(...) ele [Chomsky] considera a língua como produção, e isto é algo bem diferente [do que se fazia até então]. Um estruturalista tem primeiro a necessidade de construir um corpus. (...) [e]nquanto que em Chomsky é exatamente o contrário, ele parte da fala como produto” (Benveniste, 1989, p. 18).

Interessa-nos observar que não apenas Benveniste conhecia o trabalho de Chomsky como ainda lhe creditava uma grande inovação em relação aos estruturalistas que dominavam a paisagem teórica da linguística até então: a ideia de produção. E isso não deve ser ignorado.

Benveniste é, como se sabe, um teórico da produção linguística, embora, evidentemente, não nos mesmos termos de Chomsky. Basta atestar que a alcunha a ele conferida é de “pai da enunciação”, justamente porque é esse conceito (relativo à produção, e não o de enunciado, relativo ao produto) que o teórico se esforça por explorar em sua obra. Não deixa de ser digno de nota, inclusive, que a formalização desse objeto, como referido anterior-

mente, só ocorre de maneira explícita quase no final da carreira (abreviada, é bem verdade) de Benveniste. É somente em *O aparelho formal da enunciação*, texto de 1970, que, pela primeira vez, vemos o sírio se empenhar para sistematizar o quadro referencial que se esboçava há décadas em sua obra, mas de forma dissolvida e, por que não, ainda tateante. Tal como Saussure, Benveniste também foi elaborando seu pensamento à medida que pesquisava e ensinava. À diferença do genebrino, porém, o professor do Collège de France não se furtou de publicar suas impressões ao longo de mais de três décadas. É por isso que vemos, na diacronia dos trabalhos de Benveniste, um pensamento em formação, mas já sempre lá, de forma programática.

Conjectura-se, assim, que o fato de Benveniste frisar a inovação chomskyana de consideração da língua como produção não é mero acaso. Evidentemente, não se pode afirmar que a ideia de produção, em Chomsky, equivalha, *pari passu*, àquela de enunciação em Benveniste, tampouco creditar uma influência direta do linguista estadunidense sobre a obra do sírio, tendo em vista justamente que a noção de enunciação e de língua-discurso⁷ (nas mais diferentes flutuações terminológicas que assume na obra de Benveniste) já estavam no horizonte do autor muito antes de sua formalização específica no texto de 70. O que interessa notar, contudo, é que a ideia de língua como *produção*, e não como produto, é muito mais próxima à concepção de Benveniste sobre o funcionamento da linguagem do que o que vinha sendo desenvolvido na própria linguística até então.

Observe-se, por exemplo, que, no já citado texto de 1954, Benveniste retoma seu mestre, Antoine Meillet, com quem estudou gramática comparada, recuperando o que ele chama de “projeto”, instituído por seu professor em obra de 1906: “Cumprirá determinar a que estrutura social corresponde uma certa estrutura linguística e como, de maneira geral, as mudanças de estrutura social se traduzem por mudanças de estrutura linguística” (Benveniste, 1995, p. 15). Logo em seguida, Benveniste adverte que há entraves para a realização disso (embora não inviabilizem sua realização, ele deixa claro), os quais dizem respeito tanto aos “problemas inerentes à análise linguística” quanto à cultura e à significação. E esses entraves, se lemos bem, são oriundos do fato de a língua ser tomada como produto, não como produção:

(...) a língua empírica é o resultado do processo de simbolização em muitos níveis, cuja análise nem foi ainda tentada; o ‘dado’ linguístico não é, sob esse aspecto, um dado primeiro, do qual bastaria dissociar as partes constitutivas: é, já, um complexo, cujos valores resultam uns das propriedades particulares de cada elemento, outros das condições da sua organização, outros ainda da situação objetiva. (Benveniste, 1995, p. 13)

A passagem reproduzida, quando lida no contexto da obra do sírio, mostra-nos uma antecipação metodológica do que viria a ser sua forma de proceder em sua pesquisa: a análise que não havia nem sido “tentada” até então, que não se restringiria a aspectos formais da língua, é levada a cabo por Benveniste ao longo das décadas que seguem, atestando o caráter programático do excerto em tela. Dá testemunha disso, por exemplo, o texto *Os níveis da análise linguística*,⁸ de 1964, em que o autor subverte a concepção formalista de elementos

⁷ Para mais informações sobre esses dois conceitos dentro da diacronia dos estudos benvenisteanos, ver os capítulos “Enunciação”, “Língua” e “Linguagem”, do *Guia conceitual da linguística de Benveniste* (Toldo; Flores, 2025), além da própria apresentação da obra, que discorre sobre a flutuação terminológica presente nos textos do sírio.

⁸ Para uma apreciação mais detida sobre a concepção de níveis da análise linguística e sua implicação na obra do autor, ver o capítulo homônimo no já referido *Guia conceitual da linguística de Benveniste* (Toldo; Flores, 2025).

discretos, pensando-os não mais em sua distribuição em uma porção linguística nada, mas articulados em níveis de análise, uma vez que só a noção de nível é “própria para fazer justiça à natureza *articulada* da linguagem e ao caráter discreto dos seus elementos” (1995, p. 127 – grifo no original). A proposta de que a língua opera por relações distribucionais e integrativas, as quais articulam forma e sentido, será basilar para suas formulações posteriores, sobretudo nos textos *A forma e o sentido da linguagem* (1966), *Semiologia da língua* (1969) e *O aparelho formal da enunciação* (1970), nos quais desenvolve noções capitais de sua obra, como universos semiótico e semântico de significação e aparelhos formais da língua e da enunciação, todos oriundos dessa nova visada que Benveniste imprime à língua em seus estudos (Nunes, 2020).

Evidentemente, não queremos dizer, com isso, que o sírio toma o mesmo caminho metodológico que Chomsky. Como notado anteriormente, a formalização do objeto é específica de cada visada teórica. Contudo, é possível justamente afirmar que há algo na teoria gerativa que interessa a Benveniste: a possibilidade de se estudar a produção a partir de seu produto. Diz Benveniste a Pierre Daix:

(...) em Chomsky é exatamente o contrário, ele parte da fala como produto. Ora, como se produz a língua? Não se reproduz nada. Tem-se aparentemente um certo número de modelos. Ora, todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova. (Benveniste, 1989, p. 18)

Não é necessária grande incursão na obra benvenistiana para ver nessa afirmação a ideia de enunciação, que lhe conferirá crédito no *hall* dos grandes linguistas de seu tempo. Benveniste parece concordar com, pelo menos, duas ideias gerativistas: a da produção linguística como fato de capital importância e a da não exaustividade do *corpus*, fruto da possibilidade criativa do falante, prevista no próprio mecanismo gerativo da linguagem humana que permite criações infinitas a partir de um conjunto finito de dados e regras. Se há esses pontos de toque entre as duas vertentes, porém, fica claro que a formalização⁹ que cada autor dá a esse objeto é completamente diferente: enquanto o gerativismo, naquele momento, pensa um conjunto de base e as regras de combinação e transformação desses elementos, Benveniste se interessa pelo que, nesse sistema, permite a produção linguística singular e irrepetível (a enunciação). Sua resposta também aparecerá como um aparelho formal, mas da enunciação, não apenas da língua, o que ele elabora a partir de um expediente parecido com o programa gerativo, a saber, a análise dos produtos, isto é, das línguas empiricamente faladas no mundo, que Benveniste examinou extensivamente.

O curioso é que, se Chomsky chega a um denominador comum, a que chamou de *gramática universal* – que responderia por toda a variabilidade linguística em virtude de mecanismos de transformação de estruturas de superfície –, Benveniste não é menos universalista. Em primeiro lugar, porque o próprio Benveniste reconhece que a gramática transformacional tem seu lugar numa teoria da linguagem, ainda que não contemple a complexidade de sua concepção de língua integralmente:

⁹ Gérard Dessons (2006) nota, inclusive, que não apenas a formalização é diferente, mas também o estilo: “E Benveniste escreve. No sentido forte, ‘literário’, do termo. Ele se posiciona, neste sentido, nos antípodas da atividade ‘arborícola’ de Chomsky, cujo trabalho ele [Benveniste] considera ‘muito técnico, muito seco, algébrico’” (p. 12).

A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é ver como o “sentido” se forma em “palavras”, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância. Sob a mesma consideração disporemos os procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram. A “gramática transformacional” visa a codificá-las e formalizá-las, para daí depreender um quadro permanente, e, de uma teoria da sintaxe universal, propõe remontar a uma teoria do funcionamento do espírito. (Benveniste, 1989, p. 83)

Bem entendido, Benveniste considera que a teoria gerativa é capaz de oferecer importantes contribuições à análise de um aspecto específico da língua, qual seja, a sua organização em um universo semiótico de significância. Isso fica claro porque, no texto em questão, há uma nota de rodapé após o sintagma “análise da significância” em que o autor informa: “tratamos disso particularmente num estudo publicado pela revista *Semiotica*, I, 1969”. O texto a que ele se refere é *Semiologia da língua*. Nele, além de tentar situar a língua como sistema especial dentro de todo o conjunto dos sistemas semiológicos, Benveniste faz uma contribuição capital à linguística ao atribuir à língua um funcionamento duplo, pautado concomitantemente pelos universos semiótico e semântico de significação. Para o primeiro, deixa ele claro, a teoria do signo desenvolvida por Saussure (citada, inclusive, no texto reproduzido acima) pode ser suficiente. Da mesma maneira, a teoria da gramática transformacional também poderia – se bem lemos o excerto em tela – ser suficiente, uma vez que se trata de uma forma e um sentido inerentes ao sistema linguístico, alheios a qualquer emprego particular. Entretanto, a linguística do universo semântico, esboçada e teorizada por Benveniste nesse texto, ainda restava por ser feita, mas de algo já sabíamos, pois ele mesmo nos advertia: seu aparato metodológico não poderia ser o mesmo dedicado à análise do universo semiótico de significância.

De tudo o que precede, notamos que a teoria enunciativa benvenistiana coloca em primeiro plano o fato de que há algo também universal, embora não empregue diretamente esse termo, mas que não se resume a uma “sintaxe universal”, conforme excerto supracitado. Trata-se, antes, de outro universal: o da subjetividade na linguagem, marcada por um *lugar*, uma *posição*, na linguagem, facultado pela categoria dos pronomes, que permite ao falante o exercício da língua em um tempo e espaço específicos. Enquanto a perspectiva gerativa é uma formalização abstrata que opera exclusivamente sob a concepção de língua como sistema – de caráter imanentista, portanto – a língua de Benveniste é sempre uma língua-discurso, o que não cabia em nenhuma outra visada teórica vigente até então, concedendo-lhe a “paternidade” dessa nova forma de consideração do objeto.

4 A particularidade da linguística (geral) de Benveniste

Antes de nos debruçarmos sobre o caráter generalista da linguística benvenistiana, nosso propósito último aqui, é necessário entender em que medida suas proposições foram subversivas à linguística praticada à sua época. Até aqui, tratamos de evidenciar que o sírio operou, ao menos em um primeiro momento, na esteira direta dos trabalhos saussurianos, inclusive

por sua ligação com Antoine Meillet. A trajetória acadêmica de Benveniste¹⁰ – atestada por suas publicações – mostra algo análogo à de Saussure: o início na gramática comparada dá, paulatinamente, lugar a um interesse pela linguagem em seu caráter mais geral. Sabemos que, para Saussure, isso ocorre a contragosto: ele nunca deixou de manifestar seu profundo descontentamento¹¹ com a cátedra de Linguística Geral e com as ideias que perseguia, uma frustração marcada pela dificuldade de abordagem desse objeto. Para Benveniste, ao contrário – que, é bem verdade, não precisou “desbravar o terreno” como Saussure – a linguística geral se apresentava de uma forma que, por razões diferentes ao mestre genebrino, também lhe causavam certo descontentamento. São inúmeras as passagens, mesmo se nos ativermos apenas às seções *Transformações da linguística*, em que Benveniste menciona aspectos sobre a linguagem que ainda não haviam sido abordados e que se colocavam como grande problema para o linguista. Citemos apenas um trecho que ilustra esse descontentamento:

(...) admita-se, por princípio, que a análise linguística, para ser científica, deve abster-se da significação e prender-se unicamente à definição e à distribuição dos elementos. As condições de rigor impostas ao processo exigem que se elimine esse elemento inapreensível, subjetivo, impossível de classificar, que é a significação ou o sentido. (...) é de temer-se que, se esse método deve generalizar-se, a linguística não possa jamais reunir-se a nenhuma das outras ciências do homem nem da cultura. A segmentação do enunciado em elementos discretos não leva a uma análise da língua, da mesma forma que uma segmentação do universo físico não leva a uma teoria do mundo físico. Essa maneira de formalizar as partes do enunciado arrisca-se a acabar numa nova atomização da língua (...). (Benveniste, 1995, p. 13)

A inovação benvenistiana reside, portanto, na consideração da língua para além de seu aspecto meramente formal, já advertido como um aforismo: o emprego da língua é diferente do emprego das formas, conforme postula em *O aparelho formal da enunciação* (Benveniste, 1989). Suas teorizações sobre os níveis da análise linguística, os universos semiótico e semântico de significação, as noções gêmeas de forma e de sentido, os aparelhos formais da língua e da enunciação, todas, em conjunto e cada uma a seu modo, ilustram o afastamento de Benveniste em relação a uma linguística que desconsiderava os problemas do sentido em nome de um ideal científico:

(...) os linguistas que gostariam de garantir para o estudo da linguagem uma conotação científica se voltam de preferência para a matemática, procuram processos de transcrição mais que um método axiomático, cedem um tanto facilmente à atração de certas técnicas modernas, como a teoria cibernética ou a da informação. Uma tarefa mais produtiva consistiria em refletir nos meios de aplicar em linguística certas operações da lógica simbólica. O lógico perscruta as condições de verdade às quais devem satisfazer os enunciados nos quais a ciência se fundamenta. Recusa a linguagem “ordinária” como equívoca, incerta, flutuante, e quer forjar para si uma língua inteiramente simbólica. Mas o objeto do linguista é precisamente esta “linguagem ordinária” que ele toma como dado e cuja estrutura inteira explora. (Benveniste, 1995, p. 14-15)

¹⁰ Para saber mais sobre sua trajetória acadêmica, é elucidativo ler sua *Biobibliografia*, escrita por Georges Redard, e reproduzida como anexo no livro *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (Benveniste, 2014).

¹¹ Dá testemunho disso a célebre carta que envia a ninguém menos do que Antoine Meillet, afirmando estar “muito desgostoso com tudo isso e com a dificuldade que há, em geral, em escrever sequer dez linhas tendo o senso comum em matéria de fatos de linguagem” (Saussure, 1964, p. 95), conforme citado em Flores (2023).

Essa consideração da “linguagem ordinária” no escopo dos estudos linguísticos faz com que Benveniste passe a considerar algo que era uma excrescência para a linguística de seu tempo: a própria enunciação. Ou, para usar uma formulação mais clara, Benveniste, ao criticar o fazer científico da linguística de então, calcado em uma visão naturalista de ciência (Milner, 2021), da qual algumas vertentes dos estudos da linguagem queriam se aproximar, reivindica operar com o que excedia esse recorte que mutilava o objeto linguístico, transformando-o em uma segmentação alheia à significação e à língua em uso. E o ponto de convergência do sistema com a língua em uso é propriamente a enunciação: “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso (...)” (Benveniste, 1989, p. 83). É por isso que Benveniste convoca, para além da análise do sistema, o homem que fala: se “a enunciação se caracteriza por colocar em implicação o *factum loquendi* e o *factum grammaticae*”, então “o ponto de excesso da linguística em relação à ciência articulado por Benveniste é que sua teoria supõe a implicação do *factum loquendi* e do *factum grammaticae*”¹² (Flores, 2022b, p. 18).

A compreensão da linguagem como uma *res unica* permite a Benveniste a elaboração de uma teoria também única, em que tanto a descrição do sistema quanto o fato de que esse sistema é mobilizado por um locutor em um tempo e espaço específicos, em condição intersubjetiva, são levados em consideração. A linguística de Benveniste não é, portanto, alheia à noção de sistema, tampouco prescinde da análise de línguas específicas, pois “a reflexão sobre a linguagem só produz frutos quando se apoia, primeiro, sobre as línguas reais. O estudo desses organismos empíricos, históricos, que são as línguas permanece o único acesso possível à compreensão dos mecanismos gerais e do funcionamento da linguagem” (Benveniste, 1995, s/p).

Observe-se que, neste último trecho citado, Benveniste faz referência a “mecanismos gerais”. No entanto, tais mecanismos, cujo entendimento derivaria da análise das línguas empíricas, não respondem ao intuito da gramática comparada, preocupada com uma genealogia linguística, ou mesmo da linguística geral, ancorada nos princípios generalistas de descrição linguística. Os mecanismos gerais de Benveniste respondem ao que, nas línguas, são portadores de significância, ou seja, a como cada língua articula forma e sentido: “Podem-se, pois, conceber muitos tipos de descrição e muitos tipos de formalização, mas todos devem necessariamente supor que o seu objeto, a língua, é dotado de significação, que em vista disso é que é estruturado” (Benveniste, 1995, p. 13).

Qual é a descrição e a formalização de que Benveniste se vale para explorar o elemento significante da língua? Articular, em um primeiro momento, os universos semiótico e semântico de significância e, em um segundo momento, um aparelho formal da língua a um aparelho formal da enunciação (Nunes, 2020). Em outras palavras, articular, como men-

12 Essa nomenclatura advém do trabalho de Jean-Claude Milner (2021), para quem há quatro tipos de fatos relacionados à lingua(gem): (1) *Factum loquendi*: “existem seres falantes, que produzem formações languageiras. (...) Ele supõe já que se possa distinguir uma produção languageira de algo que não seja.” (Milner, 2021, p. 47); (2) *Factum linguae*: “o fato de que aquilo que um ser falante fala merece receber o nome de língua, que deverá se distinguir do *factum loquendi*, ou o simples fato de que existam pessoas que falam” (p. 50); (3) *Factum linguarum*: “que [as línguas] sejam diversas, mas sempre formando uma classe homogênea” (p. 50); (4) *Factum grammaticae*: “o fato de que as línguas sejam passíveis de descrição em termos de propriedades. (...) supõe a possibilidade de atribuir propriedades a uma formação languageira sem levar em consideração nem quem a profere, nem seu eventual destinatário, nem as circunstâncias do proferimento. Resulta disso certas propriedades que serão externas às circunstâncias, ou seja, serão constantes” (p. 51).

cionado anteriormente, o fato gramatical ao *factum loquendi*. O interessante, porém, é que Benveniste faz uso de suas extensas descrições de fatos gramaticais, nas mais diversas línguas, para subsidiar suas investigações sobre o *factum loquendi*. É o que atesta, por exemplo, a teorização que faz sobre os pronomes, que respondem não por formas linguísticas, mas por posições na linguagem; ou, ainda, o que permite que suas análises sobre léxico ou estruturas linguísticas (que compõem, inclusive, seções específicas de seus *Problemas*) possam ser tomadas em relação com aspectos gerais da cultura, da história, da psicologia. A interlocução de Benveniste, portanto, com outros campos do saber não é fortuita: ele mesmo já anunciava sua preocupação com uma abertura da linguística às “ciências do homem”, talvez até mesmo como um objetivo de sua própria teorização:

Eu me utilizo do desenvolvimento de todas as ciências que seguem na mesma direção. Durante muito tempo a única companhia da linguística era a filologia. Agora vemos todo o conjunto das ciências humanas se desenvolver, formar-se toda uma grande antropologia (no sentido de “ciência geral do homem”). (Benveniste, 1989, p. 38)

Se é verdade que o *factum loquendi*, que conduziria a uma linguística mais afinada ao grande campo das ciências humanas, estava no horizonte de Benveniste, pode-se pensar que essa forma de proceder leva a cabo, de maneira muito singular, a proposição saussuriana de estudo da língua como um aspecto particular da semiologia e desta como uma faceta da psicologia geral, entendida não como terapêutica, mas como ciência que investiga o pensamento (ou o espírito, para usar seu termo) e a simbolização próprias do ser humano, isto é, seus processos cognitivos como um todo. Essa linha de raciocínio permite explicar o porquê de Benveniste acentuar, em passagens como as reproduzidas anteriormente neste texto, a necessidade de abordagem não apenas das *formas*, mas da *função* da linguagem. Contudo, como se sabe, a grande função a que Benveniste se refere, sublinhada no excerto a seguir, não é, digamos, muito científica:

Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são essas funções? Tentemos enumerá-las? Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. (1989, p. 222 – itálico no original; sublinhado acrescido)

“Servir para viver” certamente não diz muito sobre *como* a linguagem significa. É por isso que a investigação sobre essa grande função acaba de desdobrando, em Benveniste, em outros termos. Sua ideia de função é apresentada, textualmente, seguida de diferentes especificações: “função de simbolizar” (Benveniste, 1995, p. 26); “função organizadora” (Benveniste, 1995, p. 30); “função cultural” (Benveniste, 1989, p. 24); além de sintagmas como “grandes funções sintáticas” (Benveniste, 1989, p. 86). Isso nos leva a crer, portanto, tal como defende Nunes (2023), que há, para Benveniste, uma função básica, que comanda todas as outras: a função significante. Benveniste nunca perde de vista esse aspecto: a língua significa, tal é seu caráter

primordial. E, para tanto, o falante tem a seu dispor “um aparelho de funções” (Benveniste, 1989, p. 86), que engloba todas as anteriormente citadas e outras que não inventariamos.

Além disso, não podemos esquecer que a maneira como Benveniste concebe a enunciação – como o colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização – já apresenta os termos pelos quais entende função. Colocar em funcionamento é desempenhar função. O radical da palavra não deixa dúvidas. É, portanto, verdade, até mesmo em termos etimológicos, que a enunciação coloca a língua para funcionar. Ou seja, o fato de que há um sujeito que fala (*factum loquendi*) e que, para tanto, se apropria de um aparelho de formas (*factum grammaticae*) é a articulação necessária, embora aparentemente banal, que faz com que a linguagem humana *funcione*. É por isso, pensamos, que Flores (2022b) defende que “[a] enunciação mostra que há na linguagem grandes funções nas quais o homem se situa ao falar uma língua. A palavra-chave aqui é função. Nesse sentido, a enunciação é o puro ter lugar das funções do homem na língua e na linguagem” (p. 19)

É, assim, a partir da ideia de função, que desenvolvemos o argumento de que a linguística de Benveniste é uma linguística geral, ainda que de tipo específico. Do exposto até aqui, podemos atestar que Benveniste era avesso à ideia de atomização dos estudos linguísticos, quer seja pela análise exclusiva de elementos linguísticos discretos, quer seja, em derivação disso, pelo fechamento da linguística às ciências congêneres. Ele também não perde de vista o fato de que há algo que se pode chamar de “o grande problema da linguagem, que se formula nos principais temas tratados [nos artigos compilados nos *Problemas*]: encaram-se as relações entre o biológico e o cultural, entre a subjetividade e a socialidade, entre o signo e o objeto, entre o símbolo e o pensamento, e também os problemas da análise intralinguística” (Benveniste, 1995, s/p). Se essa leitura estiver correta, podemos postular, então, que Benveniste acede a uma linguística geral por meio de dois aspectos: primeiramente, pela abertura disciplinar facultada por teorizações que partem da lógica do “problema”, conforme analisou Dessons (2006):

Pensar refere-se à atividade intelectual que se define como a invenção simultânea de um objeto (de pensamento) e de uma maneira. (...) Para Benveniste, a arte de pensar é, antes de tudo, a arte do problema. (...) A ideia é, acima de tudo, que os trabalhos apresentados não constituem construções de conhecimento, mas atos de investigação em um domínio onde a linguagem não é uma positividade a ser conhecida de uma vez por todas, mas uma ‘problemática’ a ser formulada indefinidamente, e de maneira nova a cada vez.¹³ Portanto, é como problemas que os objetos da linguística são tratados (...). A questão, se é um problema, não é mais apenas uma interrogação, é - *quaestio* - uma pesquisa (p. 10-12 – tradução nossa).

Em segundo lugar, pela elaboração de uma teoria da enunciação, que permite a articulação da linguística até então realizada, centrada nos aspectos imanentes da língua, com uma linguística das grandes funções do homem na língua e na linguagem (Flores, 2020). Dito de outra forma, tanto a noção de problema como a noção de enunciação, entendida como um colocar a língua em funcionamento, são os elementos unificadores na obra de Benveniste, que fazem com que ele afirme que “[s]e os apresentamos [os estudos compilados nos dois volumes]

¹³ Sublinhe-se a relevância dessa ideia de reformulação indefinida do problema para a noção de programa de linguística geral defendida neste texto.

sob a denominação de problemas isso se deve ao fato de trazerem em conjunto, e cada um em particular, uma contribuição ao grande problema da linguagem” (Benveniste, 1995, s/p.).

O leitor com maior trajetória e familiaridade nos estudos benvenisteanos poderia se perguntar, como faz Flores (2020), sobre como textos que aparentam ser tão díspares entre si e que foram sujeitos a leituras tão diversas apresentam algum tipo de unidade. Decerto, a resposta para essa questão pelo viés do problema é muito convidativa, tendo em vista que o próprio Benveniste, no prefácio do *Problemas I*, já deixa claro que se trata de uma “contribuição ao grande problema da linguagem”. No entanto, o entendimento da enunciação como elemento unificador não parece ter a mesma transparência, considerando, sobretudo, que o sírio começa seus estudos não na linguística geral, mas na gramática comparada.

Ora, são inúmeras as instâncias em que Benveniste articula o particular das línguas com o universal da linguagem, tal como investigou detidamente Flores (2019). Aqui mesmo já fizemos referência a algumas dessas passagens. Seria de se perguntar, então, em que medida a incursão de Benveniste nos estudos de diferentes línguas, algo que ele fez tão bem e com tanta perspicácia – como atestam suas primeiras grandes publicações, as quais versavam sobre aspectos do indo-europeu –, permitiu-lhe chegar a generalizações que, em nossa hipótese, nos autorizam a encaminhar a conclusão de que se trata, na verdade, de uma linguística geral. Dito de outra forma, se “as particularidades de uma língua não podem ser alçadas a propriedades universais” (Flores, 2020, p. 585), qual o lugar das descrições de línguas em Benveniste? Em particular, qual sua contribuição para uma teoria geral da linguagem? Flores (2020) se encarrega de responder: “a análise das línguas tem, para o linguista, a importância de dar a ver o que é próprio de cada língua: sua configuração gramatical, suas categorias, suas noções, enfim, seu modo de ser” (p. 586), ao que acrescenta: “sua abordagem das línguas permite-lhe colocá-las em um lugar epistemológico, no interior de sua teoria da linguagem, que evoca grandes questões transversais à linguística” (p. 587).

Essas “grandes questões transversais à linguística” foram reclamadas por Flores (2019) pela mesma ótica do problema de Benveniste. Em uma espécie de brincadeira com o título da compilação de artigos do sírio, Flores (2019) postula que há também problemas gerais de linguística, ou seja, “independentemente da perspectiva assumida, há problemas com os quais toda e qualquer linguística em algum momento tem de se haver. São temas que dizem respeito ao fazer do linguista, e dele se espera algum posicionamento (p. 331). Ora, na articulação desses dois raciocínios, tem-se que o estudo das línguas em Benveniste conduz o autor, ao mesmo tempo, a *problemas de linguística geral*, posto que o fazem se interrogar sobre o próprio objeto e método de análise daquilo com que se depara, e a *problemas gerais de linguística* (ou de linguagem), uma vez que se depara com aspectos que, estando presentes em todas as línguas, dizem respeito à linguagem em seu caráter geral. E o que Benveniste descobre que é, a um só tempo, problema geral de linguística e problema de linguística geral? Precisamente a enunciação, que convoca um remanejamento do objeto e da teoria para dar conta do sujeito que fala, ao mesmo tempo em que abre a linguística para um projeto maior e mais audacioso, qual seja, o da interlocução com outras ciências humanas. Se a enunciação diz respeito à colocação, em ato, da língua em funcionamento, se ela é o próprio ter lugar das grandes funções da linguagem (Flores, 2020) e se tudo isso diz respeito à linguagem, não a línguas específicas, então a enunciação, em Benveniste, tem caráter generalista, ainda que sua linguística geral seja diferente daquela praticada até então. A enunciação é, pois, a via régia de entrada que Benveniste toma para aceder à linguística geral, inaugurando uma nova perspectiva de generalidade para

o campo. A enunciação é, portanto, um critério tanto metodológico quanto epistemológico em Benveniste: metodológico porque suas análises, dos mais variados fenômenos, nas mais diversas línguas, nunca perdem de vista o caráter enunciativo, ou seja, são sempre análises da imbricação entre forma e sentido num funcionamento linguístico particular, mas frequentemente com alcances antropológicos, como ilustra, entre muitos outros exemplos, sua teorização sobre a subjetividade na linguagem no texto homônimo; e epistemológico porque a enunciação articula, no trabalho do sírio – na leitura que dele fazemos, ao menos – problemas de linguística geral com problemas gerais de linguística, em uma espécie de resposta, *em ato*, ao que Benveniste criticava nas teorias vigentes em sua época. A enunciação é sua forma específica de conhecer, de estudar a linguagem, de acessá-la por meio das línguas que lhe dão testemunho. É tempo, pois, de tentar entender melhor o que há de geral em sua linguística.

5 O que há de geral na linguística de Benveniste?

Colombat, Fournier e Puech, em seu livro *Uma história das ideias linguísticas*, afirmam que podemos entender “geral”, no sintagma “linguística geral”, de pelo menos três formas diferentes ao longo da evolução das ciências da linguagem. Em um primeiro momento, compreendido entre o final do século 19 e início do 20, marcado sobretudo pelas investigações saussurianas, o “geral” dizia respeito “aos princípios gerais de uma descrição das línguas, quer dizer, [à] unidade geral, articulada, sistemática, dos princípios que permitem descrevê-los em sua própria diversidade e em seu parentesco” (Colombat, Fournier, Puech, 2017, p. 234-235). Mas é precisamente o estudo da gramática comparada, a que Benveniste também se filiou, que surge, na virada do século, um segundo entendimento, em que a linguística geral se torna “inseparável do ponto de vista histórico sobre as línguas” (p. 235), como preconiza Meillet: “[a] nova linguística geral, fundada sobre o estudo preciso e detalhado de todas as línguas em todos os períodos de seu desenvolvimento” (p. 235). A ideia de generalidade aqui se confunde com exaustividade, preceito que já estava, sem dúvidas, também presente no *Curso de Linguística Geral*, em que lemos que a tarefa da linguística será a de, entre outras coisas, “fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger” (p. 13). Isso significava, na concepção de Saussure, “fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família” (p. 13). Depreende-se daí o lugar cativo que a genealogia linguística teve em uma primeira concepção de linguística geral.

O “geral”, portanto, nesse momento que antecede os estudos benvenisteanos, responde tanto a uma interrogação sobre método e objeto – que pautou o que se convencionou chamar de linguística geral – quanto a uma questão de exploração tão abrangente quanto possível (critério de exaustividade). Essa mudança de entendimento é expressa por Colombat, Fournier e Puech (2017) como a passagem de uma linguística comprometida com os princípios fundamentais de uma descrição linguística para uma interessada por uma “generalização tendencial dos resultados das linguísticas particulares”, cujo “destino se confunde, sem dúvida, com aquele de uma antropologia geral em transformação e progressos perpétuos” (2017, p. 235).

Essa mudança de perspectiva já seria suficiente para encaminharmos o entendimento de Benveniste sobre o lugar da linguística (geral) em relação a outras ciências humanas, pela abertura a uma antropologia geral. No texto de 1954 que citamos anteriormente, ele anunciava de forma programática: “somos tentados a pensar que as discussões sobre as questões

de método em linguística poderiam ser apenas o prelúdio de uma revisão que englobaria, finalmente, todas as ciências do homem” (Benveniste, 1995, p. 4).

Observe-se que, até 1954, Benveniste ainda não havia feito importantes avanços teóricos que seriam fundamentais no desenvolvimento de sua teoria. Noções como níveis de análise linguística, semiótico e semântico, forma e sentido, semiologia da língua, aparelho formal da enunciação, desenvolvidas na década seguinte, período de maior maturidade teórica do sírio, são apenas esparsamente esboçadas em textos anteriores e não ganham maior profundidade até a segunda metade da década de 60. Entretanto, é inquestionável que tais desenvolvimentos tinham em vista uma ciência mais geral, não da língua, mas do homem, como ele cita em texto de 1963. Mesmo antes, ainda no texto de 1954, Benveniste já antecipa o alcance que essa pesquisa pode vir a ter:

Finalmente, e aqui tocamos as *questões cujo alcance ultrapassa a linguística*, percebe-se que as ‘categorias mentais’ e as ‘leis do pensamento’ não fazem, em grande parte, senão refletir a organização e a distribuição das categorias linguísticas. Pensamos um universo que a nossa língua, em primeiro lugar, modelou. As modalidades da experiência filosófica ou espiritual estão sob a dependência inconsciente de uma classificação que a língua opera pelo simples fato de ser língua e de simbolizar. Eis aí alguns dos temas revelados por uma reflexão familiarizada com a diversidade dos tipos linguísticos. (Benveniste, 1995, p. 7 – ênfase acrescida)

Essa compreensão da linguística como parte de um conjunto maior é consoante com a perspectiva de Colombat, Fournier e Puech (2017), para quem a nova conjuntura cultural e teórica do século 20 permitiu que os estudos linguísticos “resulta[sem] menos de uma dinâmica interna das ciências da linguagem” (p. 235), e mais de uma “redistribuição das questões de pensamento entre as disciplinas que definem ou redefinem seu objeto” (p. 236)

Nessa nova forma de fazer ciência, mais *interdisciplinarmente regulada*, para usar a expressão dos autores, “o linguista não está excluído, mas ele participa em seu lugar – aquele do expert ao lado de outros experts – para a construção de um campo, diferenciado, mas homogêneo, em que os fatos de linguagem podem encontrar seu sentido geral somente na confluência de muitas disciplinas” (p. 237). Esse lugar, o de expert, parece ser justamente o de Benveniste.

Percebe-se, assim, que o “geral” naquilo que estamos propondo – de considerar a linguística da enunciação de Benveniste como uma via régia de construção de uma linguística geral – parece recobrir, a um só tempo, mas de formas específicas, todos os conceitos de “geral” arrolados por Colombat, Fournier e Puech. Benveniste elabora uma linguística sempre preocupada com seu objeto e seu método (primeira perspectiva de generalidade). O fato de não encontrarmos em sua obra um quadro metodológico definido, aplicável a todos os fenômenos linguísticos que se quisesse abordar pelo prisma da enunciação, já é sintomático de que o sírio não pensa em uma generalidade de método (lembramos da passagem de Derrida reproduzida anteriormente), uma vez que seu objeto passa a ser a linguagem, esse objeto multifacetado. Como já nos advertia Saussure, a heterogeneidade, o caráter heteróclito do objeto linguagem demanda diferentes métodos, a depender do ponto de vista. Benveniste leva isso ao extremo ao apresentar textos em que seu objeto específico (e, portanto, sua forma de proceder) se modificam, mas nunca perdem de vista o princípio da significação e da linguagem como objeto último.

Numa segunda acepção de generalidade, temos também um Benveniste importado com a exaustividade. Sua longa lista de trabalhos que vão desde a descrição de línguas antigas,

passando por línguas ameríndias (uma novidade para a época) e culminando em comparações linguísticas sofisticadas demonstram não só a grande erudição do mestre, mas também sua preocupação com o fato de “(...) os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, *a um certo grau de generalidade*, põem sempre em questão a linguagem” (Benveniste, 1995, p. 20 – grifo acrescido). Salta aos olhos que, como já citado anteriormente, Benveniste concebe cada língua, em sua particularidade, como um problema (no sentido esboçado por Dessons) para a linguística. Ao mesmo tempo, e não à toa, concebe que essa via do problema é que levará, com um certo grau de *generalidade*, a uma questão maior de linguagem, seu objeto último.

Em terceiro lugar, os estudos de Benveniste, sobretudo os da década de 60, quando abre diálogo com filósofos em *A forma e o sentido da linguagem*; quando se indaga sobre os aspectos psíquicos e linguísticos do tempo em *A linguagem e a experiência humana*; ou quando pensa a linguagem humana em suas particularidades frente a outros sistemas de signos em *Semiologia da língua*; ou, ainda, quando fecha seu *O aparelho formal da enunciação* afirmando que “amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui” (1989, p. 90), mostram, cada um em sua particularidade, suas contribuições não apenas para a linguística, mas para sua articulação com uma teoria geral da linguagem, que se confunde com uma teoria geral do homem. Essa abertura só é possível, como o próprio Benveniste testemunha, à medida que a linguística ganha a companhia de outras ciências que não apenas a filologia (ver citação reproduzida anteriormente). Porém, ela também o conduz a um impasse.

6 A aporia da linguística geral de Benveniste

Em texto recente, Flores (2022b) discorre sobre o que chama, tomando emprestado um termo do filósofo Giorgio Agamben, de “aporia da enunciação”. Tomamos igualmente emprestada essa ideia para desenvolver uma perspectiva de aporia ligada à linguística geral de Benveniste, nos moldes que tentamos esboçar aqui.

Colombat, Fournier e Puech (2017), ao constatarem que há diferentes formas de se entender o “geral” em “linguística geral”, fazem uma observação de importância capital para pensarmos a linguística da enunciação de Benveniste como uma linguística geral. Afirmam os autores que “a generalidade não é um dado, mas uma construção” (p. 240). A pergunta que se impõe, portanto, é *como* Benveniste veio a construir sua teoria geral da linguagem. Os referidos autores ainda especulam o que seria uma linguística geral hoje:

Que seria uma ciência da ‘língua’? Sem o conhecimento da diversidade das línguas? Uma ciência da linguagem fundada sobre a universalidade das operações do pensamento sem consideração das particularidades dos sistemas linguísticos que tornam possível seu exercício? Uma ciência das línguas sem a consideração da variação infinita dos atos concretos de fala e de suas condições de realização efetiva? (p. 240)

Do exposto até aqui, podemos depreender que Benveniste não elabora sua “ciência da língua” por meio de alguma das formas aventadas pelos teóricos. Como vimos, a diversidade das línguas é um ponto fulcral para o sítio, tanto que se apresenta como uma forma

de entrada nesse objeto mais vasto e heterogêneo chamado de “linguagem”. Além disso, Benveniste não considera que haja “universalidade das operações de pensamento”, uma vez que este sempre depende do “quadro da língua” assumido pelo falante: “As modalidades da experiência filosófica ou espiritual estão sob a dependência inconsciente de uma classificação que a língua opera” (Benveniste, 1995, p. 7). Também é evidente que Benveniste considera firmemente a “variação infinita dos atos concretos de fala e de suas condições efetivas”. Sua teoria enunciativa é exatamente a consideração máxima desses aspectos.

Como, então, Benveniste constrói sua linguística geral? Por meio de uma outra generalização, que diz respeito àquilo que há de universal no particular (Flores, 2019; 2020). É geral, quer dizer, universal, em Benveniste, que as línguas testemunhem pela linguagem. É geral que um falante se aproprie do quadro formal de um dado idioma e se enuncie por meio de uma língua. É geral que um sujeito mobilize a língua em suas grandes funções: a de simbolizar, a de organizar, a de significar. É por essa imbricação entre linguagem e sujeito falante que, ao final, a linguística de Benveniste só se torna geral porque permite generalizações não no nível do sistema linguístico, o que, como vimos, não se sustentam, mas no nível da enunciação, ou seja, no fato de que há ser humano que fala uma dada língua. É por essa razão que tentamos defender aqui que a enunciação funciona, na teoria de Benveniste, como uma via de acesso que leva a uma linguística geral. Não podemos perder de vista, contudo, que essa linguística geral lhe é específica. Benveniste menciona mais de uma vez sua trajetória singular. Quando perguntado se sua linguística é um projeto de longa data ou sempre um recomeço, responde: “Há as duas coisas. Há evidentemente um certo número de interrogações que lhe acompanham durante toda sua existência, mas, de qualquer forma, talvez seja inevitável na medida em que se tem *uma ótica própria*” (Benveniste, 1989, p. 38 – grifo acrescido).

De forma análoga, em texto produzido apenas três anos após essa resposta, encontramos uma observação de Benveniste que parece concluir bem o raciocínio empreendido aqui. Ao apresentar-se frente a uma plateia de filósofos para discutir um assunto que parece interessar muito mais a eles do que aos linguistas, Benveniste adverte:

(...) abordo o tema como linguista e não como filósofo. No entanto, é necessário ver que não trago aqui qualquer coisa como o ponto de vista dos linguistas; *um tal ponto de vista que seja comum ao conjunto ou ao menos a uma maioria de linguistas não existe*. Não só não há entre os linguistas uma doutrina reconhecida nesta matéria, mas constata-se entre muitos deles uma aversão a tais problemas e uma tendência a deixá-los de fora da linguística. (p. 221 – ênfase acrescida)

O depoimento pessoal de Benveniste, se podemos chamar assim, evidencia aquilo que Colombat, Fournier e Puech (2017) sintetizam: “a generalidade pode ser, ao mesmo tempo, um ponto de consenso e o lugar de todos os mal-entendidos” (p. 234). Ou, ainda, aquilo que Claudine Normand sustentava: “não se pode fazer a história da linguística geral como se faz a da gramática geral ou da gramática comparada, pois esse termo remete menos a uma totalidade empírica (...) do que à formulação de uma ideia” (Normand, 2000, p. 443 apud Flores; Othero, 2023a, p. 106). É por isso que Benveniste, tal como faz no texto de 1963, frisa três anos depois: “Quem fala aqui o faz em seu nome pessoal e propõe pontos de vista que lhe são próprios” (1989, p. 221). É exatamente dessa forma que procuramos entender a linguística geral aqui: não como um conjunto teórico marcado pela homogeneidade, mas como uma *intenção de generalidade* em seu alcance, pois a linguística geral de Benveniste é a linguística

do particular e do irrepetível. No caso desse linguista, especificamente, esperamos não só ter deixado claro em que termos pensamos essa generalidade, mas, sobretudo, porque a encaramos como um ponto de vista particular. A linguística geral de Benveniste, possibilitada pela sua teorização sobre a enunciação, é seu ponto de vista particular sobre a linguagem, mas nem por isso menos geral. Eis aí sua aporia.

Referências

BENVENISTE, É. Últimas aulas no *Collège de France* (1968 e 1969). Trad. de Daniel Costa da Silva et al. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989 [1970], p. 81-90.

BENVENISTE, É. Semiologia da língua. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989 [1969], p. 43-67.

BENVENISTE, É. Estruturalismo e linguístico. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989 [1968a], p. 11-28.

BENVENISTE, É. Esta linguagem que faz a história. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989 [1968b], p. 29-40.

BENVENISTE, É. A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989 [1966/1967], p. 220-242.

BENVENISTE, É. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1995 [1963a], p. 19-33.

BENVENISTE, É. Tendências recentes em linguística geral. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1995 [1954], p. 3-18.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.

CHOMSKY, N. *Topics in the theory of generative grammar*. 2ª ed. Paris: Mouton, 1969.

CHOSMKY, N. *Cartesian linguistics: a chapter in the history of rationalist thought*. New York: Harper & Row, 1966.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J-M.; PUECH, C. *Uma história das ideias linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2017.

CULIOLI, A. La linguistique: de l'empirique au formel. In: CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 2000.

DESSONS, G. Émile Benveniste: l'invention du discours. Paris: Éditions In Press, 2006

FLORES, V. do N. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.

- FLORES, V do N. A linguística de Benveniste: uma teoria da linguagem. *Revista Humanidades e Inovação*. Palmas, v.9, n. 4, 2022a. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidade-seinovacao/article/view/7139>. Acesso em: 06 abr. 2025.
- FLORES, V do N. A aporia da enunciação. In: ROSÁRIO, H. M.; HOFF, S. L.; FLORES, V do N. *Leituras de Émile Benveniste*. Porto Alegre: Zouk, 2022b. p. 12-20
- FLORES, V do N. O universal e o particular na linguística geral de Benveniste. *Revista Linguagem & Ensino*. Pelotas, v. 23, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v23i3.17787>
- FLORES, V. do N. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- FLORES, V. do N. O que há para ultrapassar na noção saussuriana de signo? De Saussure a Benveniste. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, p. 1005-1026, 2017. DOI:10.22409/gragoata.2017n44a969
- FLORES, V. do N.; OTHERO, G. de A. Linguística Geral. In: OTHERO, G. de A.; FLORES, V. do N. *A linguística hoje: historicidade e generalidade*. São Paulo: Contexto, 2023a. p. 105-119
- FLORES, V. do N.; OTHERO, G. de A. Várias linguísticas, uma epistemologia da linguística. In: OTHERO, G. de A.; FLORES, V. do N. *A linguística hoje: múltiplos domínios*. São Paulo: Contexto, 2023b. p. 7-17
- FLORES, V. N.; NUNES, P. A. Lingüística da Enunciação: uma herança saussuriana? *Organon*, Porto Alegre, v.21, p.199-209, 2007. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.39592>
- MILNER, J-C. *Introdução a uma ciência da linguagem*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.
- OTHERO, G. de A. Linguística gerativa. In: OTHERO, G. de A.; FLORES, V. do N. *A linguística hoje: historicidade e generalidade*. São Paulo: Contexto, 2023. p. 121-129.
- NORMAND, C. La question d'une science générale. In : AUROUX, S. *Histoire des idées linguistiques – Tome 3 : L'hégémonie du comparatisme*. Liège : Pierre Mardaga, 2000.
- NUNES, P. A. A passagem de infans a falante e a hipótese da aquisição de uma função significativa. *Revista Letras*, Santa Maria, v. 33, p. 125-140, 2023. DOI:10.5902/2176148584389
- NUNES, P. A. Dos universos aos aparelhos: transformações da teorização benvenistiana. In: OLIVEIRA, G.F.; ARESI, F. (orgs.) *O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p.46-74.
- NUNES, P. A. Émile Benveniste, leitor de Saussure. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, v. 42, p. 51-63, 2012.
- TOLDO, C; FLORES, V. do N. *Guia conceitual da linguística de Benveniste*. São Paulo: Editora Contexto, 2025.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27ª ed. São Paulo, Cultrix, 2006.